



ENSINO DE LITERATURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXÕES, PERSPECTIVAS E PROPOSTAS

Orlando da Silva Neto (1); Henrique Miguel de Lima Silva (2)

Universidade Estadual da Paraíba, silva.orlando47@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba,
henrique.miguel.91@gmail.com

Resumo: Partindo do ponto de vista em que se percebe que as aulas referentes ao ensino de literatura, dentro da disciplina de português na educação básica, geralmente são trabalhadas de maneira insuficiente perante aquilo que o aluno necessita para exercer seu real papel no contexto escolar, esse trabalho tem como objetivo levantar ponderações sobre como esse ensino de literatura vem sendo feito, apresentando suas perspectivas e apontando novas propostas para que as aulas dessa disciplina se tornem válidas. A pesquisa de natureza bibliográfica, que se explica qualitativamente, se sustenta teóricos tais como: Lajolo (2000), Antunes (2003) Perrenoud (2000), entre outros que debruçam sobre estudos nessa área temática e os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa. A literatura é uma disciplina indispensável, se faz necessário rever algumas metodologias em que não agarram sua essência.

Palavras-chave: Ensino de literatura, ponderações, metodologias propostas.

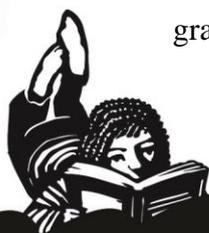
INTRODUÇÃO

Sabe-se que a língua portuguesa é rica em questão gramatical, social e cultural. A misticidade é um dos principais aspectos, e criam-se constantemente estratégias para se trabalhar essa língua dentro da sala de aula. Já a literatura, que também é algo nato do ser humano, (pensemos que desde o princípio o ser humano se vê com necessidade de expor por meio de uma linguagem literária), passa a ser uma ferramenta dentro da disciplina de língua portuguesa na educação básica.

Uma ferramenta com um grande valor para o ensino, porém com uma visão ainda balanceada daquilo que seria seu real propósito quando se fala de formação escolar de indivíduos. Isso liga-se às questões de concepção do conceito de literatura. Lajolo, 2000, diz que “o que fazer com ou do texto literário em sala de aula funda-se, ou devia fundar-se, em uma concepção de literatura muita das vezes deixada de lado em discussões pedagógicas”.

Antunes, 2003, diz que geralmente as aulas de português centram-se em gramática, e por isso os alunos vêem essa disciplina como algo difícil, sendo que a memorização é o aspecto principal desse ensino.

Nota-se que isso acontece dentro de ensino de literatura. Aliás, muitas das vezes não se tem um efetivo ensino de literatura (ou sequer um ensino literatura) pelo direcionamento do uso do texto literário como pretexto para depositar informações mecânicas como regras gramaticais dentro da cabeça dos alunos. Não que o ensino da gramática não seja algo





VII ENLIJE

importante, mas que a forma que essas regras são passadas pode afetar outras vertentes do ensino.

1. ENSINO DE LITERATURA

É bastante comum se deparar com estratégias que não valorizam o real ensino quando se trata do ensinar literatura. Essa disciplina, que tem poder crítico e moralizante (não remetendo a um enquadramento em uma sociedade, mas para colocar diante dos olhos as diferenças existentes nessa sociedade, ensinando o respeito mútuo) , vem sendo tratada como uma “ciência auxiliar da história”, visando um ensino fragmentado e deixando de a essência da literatura.

Ao que parece, para a maioria dos professores que trabalham com essa disciplina, conhecer a vida de Machado de Assis, ou sua escola literária, se torna mais importante do que se debruçar sobre “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”. Perrenoud diz que:

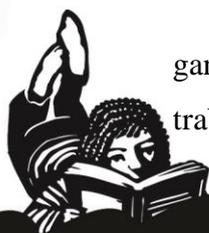
na prática, as coisas são menos racionais. Certas atividades são inspiradas pela tradição, pela imitação, pelos recursos de ensinamentos. Nem sempre são pensadas em uma perspectiva estratégica. Por vezes, nem mesmo são pensadas... além disso, as atividades e as situações propostas são constantemente ligadas por tempo, espaço, contrato didático, expectativas de uns e de outros, cooperação moderada dos alunos, imaginação e competências do professor. (PERRENOUD, 2000, p. 48)

Com o ensino de literatura não é diferente. O que se nota é que muita das instituições e alguns professores ficaram presos no passado, e não enxergam as necessidades do aluno para que esse possa exercer seu papel de cidadão pensante. A humanidade está em constante evolução, e isso é fato comprovado. Tudo se transforma com o tempo, as competências vão se adaptando, e isso é questão social, tecnológica entre outros aspectos.

Os cursos de licenciaturas de hoje não são iguais aos dos anos 90, por exemplo, mas muitos que naquela época estavam na educação básica, e que hoje lecionam em escolas, apresentam marcas hereditárias pelo contato com as estratégias daquele professor de sua educação básica. Como Perrenoud diz, “tradição e imitação”.

Pode-se listar também o sistema educacional como um grande adversário para um ensino eficiente em respeito à literatura. Veja, em primeiro lugar a desvalorização do professor: esse agente da educação necessita de tempo para poder fazer com que seus alunos tenham uma aprendizagem significativa. É necessário um planejamento e um replanejamento, colocando sua didática em um espiral.

O que acontece é que, normalmente, um professor da educação básica possui um ganho capital que não condiz com sua carga horária de trabalho. O professor além de trabalhar em sala de aula, ele precisa planejar, fazer correções de avaliações (atividades)





VII ENLIJE

exames, seminários, etc.) e ainda cumprir outras funções na instituição. E isso requer tempo. Muitas das vezes, para se manter, o docente tem vínculo com mais de uma instituição, e fica visível que aquele trabalho será falho.

Em segundo lugar, o professor é cobrado de um sistema em que ele precisa cumprir uma tabela de conteúdos, ao que parece essa tabela coloca a gramática como disciplina suprema, e ainda determina tempo. Como o tempo esgotado o docente precisa prosseguir a tabela, e assim muita das vezes o conteúdo não é explorado por completo. Agora pensemos o ensino de literatura: um campo vasto a ser explorado, mas uma das disciplina com menor tempo em relação a carga horária. Outros aspectos que contribuem para um ensino solto da literatura pedem ser ligados às concepções, e recursos disponibilizados (o mais comum, o livro didático). Vejamos:

1.1 QUESTÕES DE CONCEPÇÕES

Como se sabe, muitos aspectos levam o ensino de literatura a ser algo fragilizado de fragmentado. Pode-se dizer que o aprendizado geralmente vem de forma mecânica, deixando de lado a pegada formativa que a literatura proporciona. Um desses aspectos é a concepção que o professor que ministra essa disciplina tem sobre o que é essa vertente.

Há quem diga que a literatura é um escrito com aspectos culturais e sociais. Porém façamos a seguinte indagação, “o que é cultura para você?” ou “a cultura daquele é a mesma cultura deste?”. Essa é uma concepção muito rasa sobre o essa arte. Não menor que a de que seria basicamente um conjunto de escritos. O professor que imagina a arte literária dessa forma, provavelmente apresentará para seu aluno um catálogo, e que sabendo de cor e salteado esse catálogo o discente estará apto a ser uma pessoa ativa dentro do mundo da literatura. Em entrevistas com uma professora lotada na UEPB, Freire *et al* apresenta a seguinte fala sobre “o que é literatura”:

Na visão de Maria Fernandes A. Praxedes, “Várias são as concepções sobre o termo literatura e qual seria o caráter essencial de uma obra literária. Penso que é muito difícil definir literatura. Depende muito de cada leitor, da época, da relação intrínseca do leitor com o texto, para ele definir a partir de suas impressões. Essa relação intrínseca de descobertas se dá por meio de um constante diálogo entre o leitor e o texto. Penso que a literatura tem um caráter mais de generalidade no pensamento, como dizia o José Veríssimo. Acho que ela é muito mais nesse sentido; na generalidade, na expressão. Definir literatura é de algum modo reduzir a um conceito. A literatura é muito mais que isso. A literatura é múltipla, ela trata de diversos aspectos, trata da sensibilidade, do social. Não tenho uma definição fechada do que seja literatura. Se você analisar vai encontrar diversos conceitos... O sentido da literatura perpassa um conceito fechado do que seja realmente literatura.” (FREIRE *et al*, 2018)





Literatura é essência, não se pode defini-la. Afinal é algo que varia muito de gente para gente, de lugar para lugar, de tempo para tempo... tendo essa visão o docente vai perceber o quanto a disciplina é flexível, e os estudos não se pautará em vidas de autores, mas a contribuição para o mundo (contexto sociocultural) dos seus alunos, e a partir disso, sim, envolver outras disciplinas do currículo da instituição.

1.2 TRATAMENTO DA LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO

Outro aspecto que contribui com isso são os recursos didáticos que os professores usam. Geralmente se prendem ao tradicional, ou busca pelo “mais fácil, mais rápido” devido ao “pouco tempo”. Para planejar estratégias que coloque o aluno em um contato com um aprendizado válido requer muito tempo do professor. Essa é uma questão muito delicada, se observar a questão da valorização do docente da educação básica brasileira como já foi dito.

Por sua vez a escola disponibiliza ao professor um manual didático para que esse possa seguir uma sequência de conteúdos. O problema é como esse manual trata a ementa da disciplina. Partindo para o ensino de língua portuguesa, o que se mais objetiva aprimorar é a leitura, interpretação, oralidade e escrita, e o que vem explicitamente é que existe um erro em que se pensa que isso tudo gira em torno de regras gramaticais. Sobre isso, Antunes afirma:

Se o que predomina nas aulas de português continua sendo o estudo inócuo das nomenclaturas, e classificações gramaticais, ir à escola e estudar português pode não ter muita importância principalmente para quem precisa, de imediato, adquirir competências em leitura e em escrita de textos. Ou mesmo para quem precisa ter uma certa fluência e desenvoltura no exercício mais formal da comunicação. [...] enquanto o professor de português fica apenas analisando se o sujeito é “determinado”, por exemplo, os alunos ficam privados de tomar consciência de que ou eles se determinam a assumir o destino de suas vidas ou acabam todos, na verdade, “sujeitos inexistentes.” (ANTUNES, 2003 p.16 à 17)

Se analisar livros didáticos de língua português, percebe-se que a maioria está ligada a essa concepção. E se pegar na parte de interpretação textual nos textos literários além de sempre se voltarem para perguntas mecânicas envolvendo a gramática, ainda parte de uma interpretação pobre, com pergunta do tipo “quem são os personagens?” “quem é o autor?”. Diante disso fica o questionamento, será que os alunos não teriam a capacidade de se expressarem de forma mais ativa, se posicionando através do sentido nas entrelinhas do texto?

2 DO MUNDO LITERÁRIO AO MUNDO REAL: UM NOVO OLHAR





VII ENLIJE

Nota-se que a literatura é, se trabalhada de maneira correta, uma chave para abrir grandes portas para o mundo da cidadania, da criticidade e da autonomia. A literatura tem que ser vista de sua essência. Para isso o professor precisará de tempo para planejar e executar sequências didáticas que não tornem o ensino fragmentado.

O teatro, por exemplo, pode se tornar um grande aliado para esse ensino. Sobre isso Freitas *et al*, no II Encontro dos Estudantes Paraibanos de Letras, diz que:

A presença do teatro nas aulas de literatura seria de forte contribuição para os alunos que possuem certa dificuldade em se expressarem e também uma ótima maneira de tornar a aula mais interessante e chamativa, fato que contribuiria para uma maior participação dos estudantes que, conseqüentemente, teriam um melhor desempenho nas aulas. (Freitas *et al*, 2018)

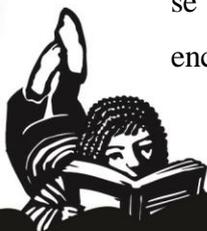
Tendo isso em vista, e vendo pelo o que fala Freitas, o teatro colocaria o alunado em contato com a literatura não só visando catálogos e históricos de autores, mas também com o texto literário fazendo com que esse passe a ler conteúdos de grande importância dentro da literatura. Sem falar em várias outras contribuições que o teatro pode trazer para alunos que encontram dificuldades em escrita, interpretação e em manter relações sociais tanto Aluno/professor, aluno/aluno, como na sociedade em geral. Veja a sequência para 2º ano do ensino médio:

Primeiro momento: divisão de grupos, podendo também fazer um grupo só com a turma por completa – para essa sequência é necessário um trabalho em grupo, tendo em vista a que o teatro geralmente se faz com um grupo de pessoas que encenam situações;

Segundo momento: distribuição de obras – cada grupo recebe exemplares de romances, e é cobrada a leitura. Todos devem ler o livro e assim facilitando a terceira parte do trabalho;

Terceiro momento: discussão e resumo – após a leitura, o professor deve instigar discussões sobre o enredo de cada romance, na qual será explanado cenários, personagens, narrador, contexto sociocultural e autor. Ao final o professor pede para cada grupo fazer um resumo da obra lida.

Quarto momento: com os resumos em mãos, o professor nesse momento pede que os alunos adaptem seus resumos em uma espécie de conto em que contemple a história original lida. Esse trabalho deve ser feito em sala de aula para que o professor possa ajudar seus alunos, e é importante que o professor esteja por dentro das obras trabalhadas. Após isso acontecer, pode-se marcar uma data, deixando tempo para que o grupo possa ensaiar, para apresentar sua encenação.





VII ENLIJE

Outra ferramenta que se pode trabalhar para seguir uma sequência didática não fadonha e que propicie um trabalho satisfatório quando se trata do ensino de literatura apresenta-se como o sarau. Os saraus poéticos se aplicam de maneira ativa, tendo em vista que também exige do aluno o contato direto com a obra. Propiciam também uma aula interativa, divertida e saindo assim da mesmice vista nessa aula.

Se colocada em uma sequência didática bem elaborada, a roda de leitura pode também ser uma grande aliada para o ensino de literatura. Muitos criticam essa forma de trabalho, mas a resposta positiva ou negativa com essa ferramenta condiz com a sequência por completo. Além disso, se pensam na roda de leitura direcionando-a para o ensino infantil, todavia é um instrumento que pode ser trabalhada em todos os níveis de ensino, como já foi dito, depende de como a sequência foi elaborada, e o grau de leitura pedida.

Por fim, pode-se escalar para esse trabalho com a literatura os curta-metragens. Essa sequência pode ser elaborada seguindo o passo a passo do trabalho com o teatro posto anteriormente, a diferença é que ao final ao invés de encenar ao vivo, toda a atuação é gravada e exposta como filme. Para isso é necessário todo um equipamento de câmera, microfones, notebooks, caixas de som, e projetor.

As aulas de literaturas podem ser efetiva quando se trata do ensino que proporcione ao aluno um posicionamento crítico e autônomo. Para isso o professor precisará de tempo e materiais necessários para desenvolver sequências divertidas e eficazes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho, dentro da disciplina de português, está andando de forma lenta em relação aos progressos sociais e as transformações da sociedade contemporânea. O sistema condiciona a um feito que não condiz com as exigências notórias do dia a dia. Dentro do ensino de literatura as falhas são altamente visíveis, porém culpada apenas o professor por isso se torna bastante desagradável e injusto.

Por sua vez o professor fica condicionado pela sua desvalorização, e isso engaja questões de desvantagem salarial, tempo e cobranças de tabelas prontas a serem cumpridas. O professor se vê em uma situação em que o busca pelo fácil se torna um atalho, desviando de um caminho cheio de pedras, mas mais seguro a atingir o objetivo de tornar seus alunos em seres autônomos e críticos.

Os materiais fornecidos aos professores, muitas das vezes, não auxiliam com realmente necessitam o docente, fazendo com esse se prenda a um trabalho ineficaz e que não se ajusta ao contexto do seu aluno. O livro didático, por exemplo, se faz superficial em questão de ensino de literatura, e leva o professor a ser superficial. O professor precisa de





VII ENLIJE

“jogo de cintura” para levar um ensino válido da literatura, e para isso além de seguir sequências didáticas que promovam interação e o não cansaço às alunas, tais como teatro, saraus, rodas de leituras etc., é ideal que ele tenha tempo para planejamento e replanejamento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontros & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. 3ª ed. Brasília: A secretaria, 2001.

FREIRE, J. A; MEDEIROS, T. P.; SILVA NETO, O.; OLIVEIRA, C. A. **A regra da arte: teatro como suporte para o ensino de literatura**. Campina grande: II EPBEL, 2018.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

PERRENOUD, Philippe, **10 novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Artmed, 2000.

